

## Neoliberalismo e darwinismo social: reflexões a partir da pandemia de Covid-19 no Brasil

Neoliberalism and social darwinism: reflections from the Covid-19 pandemic in Brazil

**Fernando Mendes Coelho**

Doutorando em História  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
fermcoelho@hotmail.com

**Recebido em:** 19/10/2021

**Aprovado em:** 10/02/2022

**Resumo:** A pandemia de Covid-19 no Brasil acentuou as desigualdades no país enquanto os mais afetados pela doença foi a população pobre, idosa e negra. Somado à tragédia resultante do crescimento do número de casos e mortes oriundos do vírus, outro fator decisivo para o aumento de vítimas foi o descaso e a desinformação por parte do presidente Jair Bolsonaro ao minimizar a doença e demorar para adotar medidas efetivas de combate à pandemia. Neste contexto de negacionismo e desinformação, os que mais sofreram foram as parcelas da população que não poderiam ser assistidas de forma eficiente pelo sistema público de saúde e que não possuíam condições de fazer a quarentena em casa devido à necessidade de sair para trabalhar. Considerando estes fatores, este artigo reflete sobre três pontos principais. O primeiro refere-se a necropolítica em ação do presidente Jair Bolsonaro, o segundo da ligação entre neoliberalismo e a produção de sujeitos descartáveis, e o terceiro com as raízes do darwinismo social que estão implícitas no discurso econômico do neoliberalismo.

**Palavras-chave:** neoliberalismo; descartáveis; Covid-19.

**Resumen/Abstract:** The Covid-19 pandemic in Brazil has accentuated inequalities in the country as the poor, elderly and black population were most affected by the disease. Added to the tragedy resulting from the growth in the number of cases and deaths from the virus, another decisive factor for the increase in victims was the negligence and misinformation on the part of President Jair Bolsonaro in minimizing the disease and taking effective measures to combat the pandemic. In this context of denial and misinformation, those who suffered most were the sections of the population who could not be efficiently assisted by the public health system and who were unable to quarantine at home due to the need to go out to work. Considering these factors, this article reflects on three main points. The first refers to the necropolitics in action of President Jair Bolsonaro, the second to the link between neoliberalism and the production of disposable subjects, and the third to the roots of social Darwinism that are implicit in the economic discourse of neoliberalism.

**Palabras clave/Keywords:** neoliberalism; disposables; Covid-19.

## Introdução

A pandemia de Covid-19 revelou a face sombria dos Estados nacionais de matrizes conservadora e autoritária, resultado de uma condução desastrosa das políticas públicas relacionadas à saúde, o que maximizou os efeitos nefastos do coronavírus sobre a população, ocasionando a morte de milhões de pessoas ao redor do mundo. O Brasil, infelizmente, é provavelmente o exemplo mais negativo em relação ao negacionismo e à ineficiência da saúde pública no combate à pandemia. A figura do presidente Jair Bolsonaro traduz em suas ações e declarações o que existe de pior no que tange aos cuidados básicos de autoproteção e proteção da coletividade, e na disseminação de desinformação de tratamentos e medicamentos sem eficácia comprovada cientificamente. De acordo com Juliano Peroza (2021):

A chegada da pandemia neste cenário brasileiro somente agravou a situação ao potencializar uma tendência obscurantista já presente na retórica governista. O encontro do *negacionismo científico* com o *discurso economicista neoliberal*, em que a economia, diga-se o livre mercado, paira como se fosse uma entidade “supra-humana”, foi uma combinação explosiva apropriada para que o Brasil se tornasse uma espécie de “laboratório” para o avanço indiscriminado do vírus (PEROZA, 2021, p. 82).

Estes episódios de desinformação e descaso com a saúde pública em tempos de pandemia refletem apenas a ignorância e a incompetência dos governantes negacionistas ou existe um projeto maior de desmonte da saúde no sentido de promover a eliminação das populações mais vulneráveis?

O início da obra *Necropolítica*, de Achille Mbembe, trata de forma objetiva a essência e os efeitos da necropolítica na contemporaneidade. O autor inicia com uma importante passagem que serve para definir do que se trata tal conceito:

Este ensaio pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder (MBEMBE, 2018, p. 5).

A questão principal a ser colocada é: quem o soberano permite que morra em tempos tão sombrios? Quais são as pessoas indesejáveis ou descartáveis dentro de um modelo econômico e social neoliberal? O soberano, em nome da imaginária vitalidade econômica do país, incentiva que as pessoas vão trabalhar, movimentar a economia, enquanto um vírus com elevadas taxas de mortalidade está circulando entre a população. A economia se torna mais importante do que a vida, e mais do que isto,

as vidas que se encontram em maior risco neste contexto são das pessoas que não possuem alternativas, aquelas que precisam se expor ao risco do contágio porque sabem que não possuem um suporte de apoio do governo que permita realizar a quarentena sem passar fome. O lado mais ameaçador do Estado neoliberal, que promove o desmonte do bem-estar social, acelera o processo de morte com o descaso com a saúde e a manutenção da vida das pessoas mais vulneráveis. Rubens Casara reforça que “a aproximação entre neoliberalismo e necropolítica tornou-se ainda mais evidente. O modo neoliberal de compreender e de atuar no mundo passa necessariamente por decisões que autorizam a morte” (2021, p. 25). Entra em cena o processo de descarte dos indesejáveis, escondida por trás da pseudociência e da imunidade de rebanho defendidas pelo presidente Bolsonaro. Em artigo intitulado *Reflexões em tempos de Covid-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos de saúde*, Alan de Jesus e André de Oliveira Sena Melo, utilizam o conceito de necropolítica para analisar o levantamento quantitativo de boletins epidemiológicos entre abril e junho de 2020. Os autores chegaram à conclusão que:

A agenda de Estado mínimo do Governo Bolsonaro aliado a política de “imunidade de rebanho” (comprovadamente ineficiente e falaciosa) potencializam a pandemia, o que faz com que a população negra não morra do vírus, mas sim de causas relacionadas a precarização de sua vida e do sistema de saúde. A necropolítica, portanto, se pauta cada vez mais no corte de direitos sociais, na austeridade, no sucateamento do SUS, no fim de programas sociais de distribuição de renda, mesmo os de caráter emergencial como o auxílio durante a pandemia do Covid-19 (2020, p. 266).

Feitas estas considerações iniciais, este artigo visa partir do caso brasileiro da condução da pandemia de Covid-19 e ampliar a discussão de forma teórica, avançando sobre reflexões a respeito de como a necropolítica efetuada pelo governo de Jair Bolsonaro engloba um contexto maior de exclusão neoliberal. Propõe examinar também como este projeto se enquadra em uma relação com a lógica implícita do darwinismo social presente na ideologia neoliberal. Para cumprir estes objetivos o artigo será dividido em três momentos. O primeiro, e mais longo, recorre a uma contextualização da necropolítica brasileira e suas aproximações com o neoliberalismo. Para isto, utilizo centralmente dois artigos, *Eugenia, biopoder e políticas de morte em tempos de pandemia* (2020), de autoria de Robert Wegner, Vanderlei Sebastião de Souza e Leonardo Dallacqua Carvalho, publicado no Blog da editora Boitempo e *O Covid e as epidemias da globalização* (2020), de autoria de Marcos Cueto e publicada na revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Em conjunto com os dois principais artigos que uso para a análise servem como suporte e complemento bibliográfico, outras contribuições de artigos relevantes sobre a

temática. Após explorar contundentes falas do presidente Jair Bolsonaro como fontes que corroboram com os argumentos da primeira parte e permitem um maior aprofundamento teórico. No segundo momento realizo uma discussão teórica a respeito do papel dos indesejáveis, ou sujeitos descartáveis, no neoliberalismo, bem como da reorganização do Estado neoliberal para desamparar estas populações excluídas. No terceiro momento aproximo a ideia de darwinismo social com os preceitos neoliberais. Os três momentos em que o artigo está dividido não são separados de forma estanque, mas as reflexões ao longo das seções visam um aprofundamento teórico para revelar as entranhas do projeto de exclusão e das políticas de morte da Covid-19 e como é estabelecida esta relação com as políticas neoliberais.

### **Políticas de morte durante a pandemia de Covid-19 no Brasil: consequências da atuação do Soberano**

Começo esta seção com uma importante passagem da obra *Contra a miséria neoliberal* (2021) de autoria de Rubens Casara.

Também é a norma neoliberal que enuncia o dever de simplicidade e transparência que permite versões simplificadas, e mesmo falsas, da história, das notícias, das ciências, etc. A semelhança entre “simplificação da realidade” e “demonização da complexidade”, de um lado, e a divulgação de “fatos alternativos”, do outro, ajudam a explicar a naturalidade com que são aceitas notícias falsas (*fake News*), ciência falsa (negacionistas das mudanças climáticas e *anti-vaxxers*), história falsa (negacionismo do Holocausto e das torturas nas ditaduras militares latino-americanas), etc. A verdade reduzida a uma *versão simplificada* torna-se algo diferente da *verdade*. A história é suprimida ou reescrita de forma *simplificada e transparente* conforme os interesses dos detentores do poder econômico (2021, p. 261).

É possível perceber na citação a forte correlação entre o processo de subjetivação neoliberal e a simplificação do pensamento, tornando-o raso e não raras vezes falso. Com estas simplificações cria-se um lugar para as teorias conspiratórias ou a contestação de tudo aquilo que é complexo; logo, desqualifica-se a ciência como conhecimento sólido. Surgem os “especialistas” em diversos assuntos, que acreditam estar munidos da verdade, e se julgam independentes do conhecimento produzido nas universidades ou de orientações estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Para estes “especialistas”, tudo não passa de uma grande conspiração mundial para esconder as verdades e dominar a população. Assim nasce o negacionismo e o obscurantismo passa a ser visto como uma alternativa plausível; este é o mundo das pós-verdades. Graça Druck (2020) usa o termo “neofascista” para se referir ao governo de Jair Bolsonaro. Conforme a autora, este perfil de governo se apropria do

discurso anticientífico para desqualificar políticas públicas, como as recomendações oriundas do início da pandemia de isolamento social e uso de máscaras, quando ainda não existia vacina.

A existência de um governo neofascista que insiste em opor a saúde e a vida das pessoas à economia, acirrando a crise sanitária e da saúde, estimulando as disputas políticas internas e aprofundando a crise política em meio aos efeitos desastrosos da pandemia. Um governo que nega a ciência e o conhecimento produzido por instituições credenciadas como a OMS, com aparições e declarações do presidente da república desqualificando as medidas tomadas e recomendadas, a exemplo do isolamento social, desprezando as vítimas da pandemia, demonstrando não ter nenhuma empatia social (2020, p.9).

Outra característica dos governos neofascistas frente a pandemia é a defesa do mercado em detrimento das políticas sociais e dos cuidados coletivos para evitar o aumento de contaminações por Covid-19. Este ponto foi lembrado por Graça Druck ao citar que constantemente Jair Bolsonaro opõe a vida das pessoas à economia. André Dionei Fonseca e Silvio Lucas Alves da Silva reforçam a citação de Graça Druck quanto à resistência de Jair Bolsonaro em aceitar as recomendações da OMS:

Posicionando-se de forma contrária ao isolamento social e ignorando todas as medidas de segurança definidas por instituições internacionais de saúde, o presidente passou a defender a abertura de todos os setores do comércio, com a justificativa de que “o país não vai pra frente, vai complicar a vida de muita gente” (2020, p.6).

A fala de Jair Bolsonaro extraída pelos autores resume o posicionamento do presidente a respeito de posicionar a economia acima da vida dos brasileiros. Para o soberano o que importa é o Brasil ir para frente, isto é, manter os índices econômicos positivos nem que para isto pessoas desassistidas pelo Estado morram em hospitais superlotados. Marcos Cueto se aproxima do pensamento dos autores citados acima, ao perceber que a pandemia de coronavírus revelou a face mortal dos atuais governos autoritários, bem como o movimento de deslegitimação da saúde pública e de negação da ciência:

Esta enfermidade produzida por um dos mais insidiosos agentes infecciosos – e popularmente conhecida como coronavírus – se estendeu como poucas epidemias a quase todos os rincões do mundo, revelando a torpeza dos governos autoritários populistas de direita que atacaram a ciência e a saúde pública – para que seus seguidores não pensem racionalmente – e criaram as condições para o desespero, a desinformação, o estigma e o caos que agora sofremos (2020, s/p).

O cenário exposto por Marcos Cueto expõe as mazelas produzidas pelas desigualdades sociais e alimentadas pelo neoliberalismo ao redor do mundo. Além da pobreza, em que o coronavírus incide de forma mais brutal, do outro lado está o despreparo dos governos autoritários na condução das

políticas públicas emergenciais para combater a pandemia e minimizar a quantidade de vidas perdidas nos países mais pobres. De forma obscura, as nações de viés autoritário empreenderam campanhas de desinformação e revelaram um posicionamento anticientífico que além de atrasar a vacinação, levou a proliferação de *fake news*, causando maior sofrimento e confusão entre a população que já estava sendo assolada pelos efeitos mortais da doença. O caso do Brasil é emblemático. Além de desacreditar a ciência e a vacina, o presidente Jair Bolsonaro defendeu abertamente a utilização de medicamentos ineficazes<sup>1</sup>. Marcos Cueto aprofunda esta discussão apontando que o desmonte da saúde pública não é um fenômeno recente:

As pandemias antes mencionadas surgiram ou se agravaram pela discriminação, a deterioração climática, a violência contra a natureza exercida por forças extrativistas sem regulação e a negação dos direitos humanos, como o direito à saúde de qualquer pessoa, fatores que aberta ou clandestinamente glorificaram o neoliberalismo. Estas crises chegaram com uma banalização das mortes e enfermidades evitáveis e a reprodução dos estereótipos criminais contra as vítimas das epidemias como as minorias, os pobres, os indígenas e as mulheres (2020, s/p).

Para Cueto a tragédia mundial da Covid-19 é resultado do desmantelamento de programas sociais que protegiam as vidas dos mais pobres e das minorias, tanto que antes da pandemia de Covid-19 o mundo enfrentou outras doenças que afetaram principalmente as economias periféricas do capitalismo mundial, como a Aids, Dengue, SARS, H1N1, Ebola e Zika.

Esta epidemia não é mais que a última de uma triste sequela que começou nos anos oitenta do século passado, quando a maior parte dos governos do mundo abraçaram o neoliberalismo e a globalização e a sua cruel doutrina que proclamava uma drástica redução dos gastos públicos e desmantelamento da intervenção do Estado nos programas sociais. Desta maneira, se criou uma cultura onde o lucro estava por cima de tudo e de todos; onde valia o corte dos recursos humanos dos sistemas de saúde, tanto nacionais quanto internacionais, e onde se banalizaram um rosário de desastres sanitários como a Aids, Dengue, SARS, H1N1, Ebola, Zika e agora a epidemia que nos oprime (2020, s/p).

Considerando o neoliberalismo como elemento centra da desvalorização do coletivo e de redução das políticas sociais, as pandemias surgem para contrastar as desigualdades sociais potencializadas pelos governos autoritários enquadrados na razão neoliberal. Não é por acaso que a pandemia é minimizada em países periféricos e que seus governantes simplifiquem seus resultados,

---

<sup>1</sup> A reportagem do *Globo* apresenta uma cronologia das vezes que Bolsonaro defendeu medicamentos e tratamentos ineficazes. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/enquanto-bolsonaro-defendia-tratamentos-ineficazes-contra-covid-19-iniciativas-se-espalhavam-pelo-pais-veja-cronologia-1-25210958>>. Acesso em 29 de dezembro de 2021.

como fez Jair Bolsonaro ao dizer se tratar só de uma “gripezinha” ou que o povo brasileiro não deveria se acovardar diante da doença, portanto, seguir com suas vidas<sup>2</sup>. Sobre o episódio em que Bolsonaro fala que a Covid-19 é apenas uma gripezinha, Danielle Braga (2021), estabelece uma relação do episódio com o conceito teórico de “biopoder”, de Michel Foucault:

Um dos fatores do biopoder, como o controle de mortalidade, não é priorizado, campanhas de saúde pública e conscientização aos cuidados com o vírus da covid-19 não são postos nas mídias sendo taxados como uma “gripizinha” pelo Presidente do país, que coloca a questão da economia acima de vidas. É de se perceber que os elementos apresentados que constituem a escala de poder estão mais priorizados que a vida e saúde da nação, enquanto informações falsas são criadas, trabalhadores perdem direitos trabalhistas, o número de mortes cresce cada dia mais, e o Estado segue pregando seu poder autoritário preso na idade clássica de soberania (2021, p.6).

Não é por acaso que na retórica de Jair Bolsonaro a economia esteja acima da vida destes mais pobres. O presidente nada mais fez do que reproduzir a forma pela qual o neoliberalismo trata os mais pobres, ou seja, colocando-os abaixo do lucro. Robert Wegner, Vanderlei Sebastião de Souza e Leonardo Dallacqua Carvalho, também utilizando o conceito de biopoder, publicaram uma importante reflexão a respeito das relações entre a pandemia e a condução do governo brasileiro, onde o governo estaria adotando medidas eugênicas na deficiência de combate à pandemia. O sentido da discussão dos autores é de que a pandemia estava vitimando principalmente as minorias e os vulneráveis economicamente.

As críticas à condução do governo brasileiro diante da pandemia ocupam as manchetes da imprensa nacional e mundial, que alertam diariamente para o caos e a tragédia a que está exposta à população brasileira, sobretudo os mais vulneráveis. A ação do governo tem suscitado inclusive uma série de debates a respeito da existência de um projeto eugênico nas entrelinhas das práticas e discursos de autoridades públicas, entre elas o próprio chefe do executivo federal, que, desde o registro das primeiras vítimas da Covid-19, nega os efeitos da pandemia e atuado em sentido contrário às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de especialistas em saúde pública (2020, s/p).

Quando os autores falam dos vulneráveis à Covid-19 remetem aos que não conseguem produzir e não se enquadram na categoria de “capital-humano”:

Entre os mais vulneráveis à Covid-19, segundo os epidemiologistas, estão, além de idosos e pessoas com doenças preexistentes, justamente a população mais pobre, formada majoritariamente por negros e pardos. Estes últimos estariam mais expostos

---

2 A reportagem da BBC selecionou dois momentos em que Bolsonaro chamou da Covid-19 de “gripezinha”, sendo um deles em pronunciamento em rede nacional. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536> Acesso em 28 de dezembro de 2021.

ao contágio do vírus devido à falta de saneamento, os problemas de saúde, às dificuldades de acesso hospitalar, às condições habitacionais e às próprias aglomerações que diariamente estão submetidos, seja pelas precárias condições do transporte público ou pela exposição em seus locais de trabalho (IDEM, s/p).

Os epidemiologistas apontam neste grupo os idosos, pessoas com doenças preexistentes, populações mais pobres formadas majoritariamente por negros e pardos. Estas pessoas estariam propensas a ter contato com o vírus devido a uma série de dificuldades, as principais são estruturais, como a necessidade do uso de transporte público, sair de casa para trabalhar para garantir o sustento da família, condições habitacionais inapropriadas, etc. Este cenário é motivado pelo esvaziamento das responsabilidades do Estado em manter a segurança dos mais vulneráveis por ocasião do vírus, por exemplo, concedendo um auxílio emergencial digno que permita que as pessoas possam fazer suas quarentenas e isolamento social com o máximo de segurança possível.

Levando a sério o fatalismo do discurso do chefe do Poder Executivo federal, em plena expansão da Covid-19, estamos diante de um governo que aceita a pandemia como algo dado pelas forças do destino, contra as quais não há o que fazer: “E daí?”. Mais do que um caso de irresponsabilidade pública, o governo Bolsonaro tem se caracterizado pelo desmonte de um pacto federativo que, desde o processo de redemocratização, sustentou o Sistema Único de Saúde e as políticas públicas ligadas ao Ministério da Saúde. O que está em jogo é um claro projeto autoritário e neoliberal de governo (IBIDEM, s/p).

O artigo reproduz uma breve passagem de uma frase dita pelo médico Arnaldo Lichtenstein, que ao aproximar a eugenia ao nazismo, diz que a forma de enfrentar a pandemia através da imunidade de rebanho, defendida pelo presidente “é muito mais perversa do que simplesmente não acreditar na ciência” (IBIDEM, s/p). Mas este não é o grande problema que Lichtenstein aponta, pois, mais grave que isto é uma forma velada de extermínio da população pobre do país que não é assistida pela saúde pública e que não dispõe de condições financeiras de realizar o isolamento social e, assim, se proteger do vírus. Muitos desempregados e ambulantes tiveram que se arriscar no pior momento da pandemia, onde não se tinha vacinas, e com certeza, ao propor uma imunidade de rebanho essas pessoas se encontravam mais vulneráveis, é o que mostra pesquisa realizada pelo “Monitoramento Covid-19”, do Projeto SoroEpi MSP, feito pela parceria do Instituto Semeia, Grupo Fleury, IBOPE Inteligência e Todos pela Saúde<sup>3</sup>. Considerando a aproximação realizada com o eugenismo, podemos perceber a

---

<sup>3</sup> ‘População mais pobre infectada pelo coronavírus protege os ricos’, aponta biólogo, Ponte.Org, por Caê Vasconcelos. Disponível em <https://ponte.org/populacao-mais-pobre-infectada-pelo-coronavirus-protege-os-ricos-aponta-biologo/> Acesso em 04 de janeiro de 2021.

pandemia como um mecanismo cruel de eliminação de pobres e idosos, justamente aqueles que não se enquadram no modelo neoliberal de reprodução do capital e das elites. Juliano Peroza reflete sobre o projeto de desumanização neoliberal e os reflexos da pandemia de Covid-19 no Brasil:

Poderíamos dizer que, em “opressão”, aqui no Brasil, por um lado, a pandemia escancarou ou desnudou, de maneira assombrosa, o verdadeiro projeto de desumanização da agenda neoliberal. Por outro lado, as classes dominantes, ao ignorar as recomendações científicas em nome do lucro, potencializaram a proliferação e a letalidade do vírus, dado que sua intensa propagação permitiu o surgimento de novas “cepas”, muito mais agressivas e mortíferas (2021, p. 82).

O trecho afirma que “a omissão e o descaso no campo da saúde pública revelam o encontro entre a incapacidade de gerenciamento e a continuidade de um discurso onde a morte de alguns é naturalizada, ou mesmo considerada necessária” (WEGNER, 2020, s/p). Quando Wegner fala da necessidade da morte de alguns grupos sociais, não consigo dissociar esta questão de uma aproximação do neoliberalismo com o darwinismo social. A lógica da seleção natural pelo mercado parece esconder a ideia de uma “eugenia econômica”, em que os mais capacitados sobrevivem dentro de um ambiente de competição entre as pessoas, levando ao que é erroneamente colocado como preservação das realizações existentes, mas que se trata apenas da perpetuação da concentração de capitais entre os mais ricos. O mecanismo de exclusão é o mesmo, pois, aqueles que não se mostrarem capazes devem ser destinados à sua sorte, e não cabe ao Estado ser cúmplice da manutenção da vida dos descartáveis. O darwinismo social esconde por trás de suas premissas o pensamento fascista que separa o “nós”, adaptado ao meio social, e o “eles”, os descartáveis, que se encontram a margem da sociedade. Estes dois grupos humanos, formados pelas elites de um lado e os dominados por outro, são a base de políticas econômicas e sociais de exclusão, motivadas pelo racismo, xenofobia, preconceito com os pobres e esvaziamento da assistência social, como a precarização de políticas plurais para a educação, emprego e distribuição de renda. Estas falhas estruturais econômica e social ganharam enormes proporções com a pandemia de Covid-19, e dentro do pensamento da “eugenia econômica”, a política de extermínio dos pobres e idosos do governo Bolsonaro ganhou mais força.

Após uma breve e elucidativa apresentação trazida pelo artigo do contexto da eugenia no início do século XX (WEGNER, 2020, s/p), passo para a discussão específica de um tópico elaborado pelos autores, que continua o debate que faço ao tratar de um programa de extermínio de pobres arquitetado por elementos eugênicos, neoliberais, de incapacidade governamental, e, claro, criminoso. O tópico é chamado: *A necropolítica do soberano*, título muito bem colocado, fazendo menção a importante obra de

Achille Mbembe chamada *Necropolítica*. O texto traz uma semelhança na retórica do presidente Jair Bolsonaro em relação ao (não-)enfrentamento da pandemia de Covid-19, recuperando falas antigas do atual presidente, em que expõe seu posicionamento ao externalizar a defesa da esterilização e controle de natalidade dos pobres, pena de morte, desestruturação da educação pública, visões anti-democráticas, etc. Estas falas pregressas reforçam a tese do artigo de um negacionismo em relação ao Covid-19 arquitetado para ser uma forma de eliminação dos mais pobres e conseqüentemente de eugenia social e econômica. Pois, as falas do presidente mostram alguém preconceituoso, racistas, sexista, e contrário aos direitos das minorias, não diferindo seu posicionamento em relação a uma pandemia de alta letalidade. O que é mais presente no discurso é a indiferença em relação à morte, típica dos eugênicos nazistas. Pois, a ideia sustentada de “nós” e “eles”, como bem exposta por Jason Stanley em *Como funciona o fascismo* (2020), demonstra uma falta de empatia ao “eles”, já que o pensamento totalitário desumaniza aqueles que são contrários ao líder e aos defensores das ideias autoritárias. E temos na gestão Bolsonaro a união do autoritarismo com o neoliberalismo, que elege seus inimigos, como um elemento típico dos fascismos.

De um lado, o conservadorismo do governo sinaliza não haver desigualdade econômica e racismo a ser combatidos na sociedade brasileira, pois somos supostamente uma sociedade harmônica e até “brincalhona”, bem como não se faz necessária a melhoria nas condições sanitárias porque o brasileiro tem uma saúde de ferro, como já satirizou o presidente. Por outro lado, sua face liberal considera que os pobres serão naturalmente eliminados pelo mercado, enquanto as más condições sanitárias representam uma forma de capitalizar a vida do pobre e anunciar projetos de captação de recursos externos para a economia nacional (WEGNER, 2020, p.7).

São trazidos dois elementos que formam a face autoritária do governo brasileiro: de um lado o conservadorismo e, do outro, o neoliberalismo. Estas duas características caminham juntas, ambas servem para negação dos problemas sociais e econômicos do Brasil. Estes valores refletem na forma de desdém do presidente ao falar que o brasileiro tem uma saúde de ferro não coloca em pauta os problemas enfrentados no SUS no ápice da pandemia. O SUS enfrentou durante a fase mais aguda da pandemia a capacidade dos leitos em lotação máxima, com pessoas morrendo sem respiradores entre outros problemas da sobrecarga do sistema público de saúde. Eram pessoas agonizando, mas para o

governo era apenas um “e daí?”<sup>4</sup>. A política do “e daí?” pode ser a máxima da necropolítica de Jair Bolsonaro, que une pobres sendo eliminados pelo mercado e pela pandemia. Uma maneira conveniente de tirar o corpo fora e minimizar sua responsabilidade, um descaso com a população, mas parece estar tudo bem, pois se trata de “eles” e não “nós”.

Na parte final desta seção discuto as falas negacionistas de Jair Bolsonaro e de seus apoiadores. Desta maneira, ao utilizar as declarações como fontes históricas reforço as argumentações tecidas anteriormente e consolido a discussão teórica a respeito da produção do homem descartável do neoliberalismo. A lista de afirmações infelizes é infindável, tanto que a CPI da Covid-19 organizou um dossiê contendo 200 destas falas negacionistas de Bolsonaro, que compreendiam temas como críticas ao isolamento social, defesa de medicamentos ineficazes, minimização dos efeitos da pandemia, suspeição da eficiência das vacinas, etc.<sup>5</sup>. Selecionei alguns trechos em que o alvo de Jair Bolsonaro é a crítica ao isolamento social e a necessidade de as pessoas voltarem a trabalhar. Compreendo que neste recorte seja possível perceber como as expressões defendidas pelo presidente e seus principais apoiadores indicam um sacrifício dos mais pobres para a manutenção da vitalidade econômica e do lucro dos empresários, nem que para isto as pessoas corram risco de morrer.

Na primeira passagem selecionada, retirada do site da revista Valor Invest, publicada em 25 de março de 2020 e escrita pelo jornalista Gustavo Maia, o presidente ressalta a necessidade de as pessoas trabalharem, em simultâneo, em que transfere para as famílias a responsabilidade pela saúde das pessoas idosas:

O presidente Jair Bolsonaro resolveu transferir para as famílias a responsabilidade pelos cuidados com os idosos, os únicos, segundo ele, que deveriam ser isolados durante a crise do coronavírus.

Após ter defendido a volta das atividades — “O que precisa ser feito é botar esse povo para trabalhar”, disse —, ele foi questionado se é factível isolar apenas o grupo de risco. Respondeu ser necessário isolar “o que você pode”.

“Pô, cara, você quer que eu faça o quê? Eu tenho poder de pegar cada idoso lá e levar para um lugar e ‘ó, fica aí, tá aqui uma pessoa para te tratar’. É a família dele que tem que cuidar dele em primeiro lugar, rapaz. O povo tem que deixar de deixar tudo nas costas do poder

---

4 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre', G1Globo por Gustavo Garcia, Pedro Henrique Gomes e Hamanda Viana. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>>. Acesso em 28 de dezembro de 2021.

5 **CPI levanta 200 falas negacionistas de Bolsonaro sobre a pandemia de Covid-19.** Revista IstoÉ. Disponível em: <https://istoe.com.br/cpi-levanta-200-falas-negacionistas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-de-covid-19/> Acesso em 5 de janeiro de 2021.

público. Aqui não é uma ditadura, aqui é uma democracia. A família em primeiro lugar. Este foi o discurso que me elegeram, inclusive. Os responsáveis pela minha mãe de 92 anos são seus meia dúzia filhos. Nós que somos responsáveis pela minha mãe no momento. Em último lugar, se não tiver ninguém, daí coloca num asilo, o Estado, seja quem for”, declarou. (VALOR INVEST, 2020, s/p).

A fala é contraditória. Defende o retorno das pessoas ao trabalho e a responsabilidade das famílias pelo cuidado com os idosos, que não deveria recair sobre o Estado. Diz que a família deve estar em primeiro lugar, mas ao permitir que as pessoas descumpram o isolamento social indo trabalhar, a consequência é que quando retornem aos seus lares após a jornada de trabalho, inevitavelmente poderão transmitir o vírus para os idosos. Bolsonaro também está equivocado ao dizer que a ação do poder público é próxima da ditadura, e que a democracia é a não intervenção do Estado nos assuntos pertinentes à suposta liberdade de escolha das pessoas que rejeitam as medidas de controle do Covid-19 colocando a coletividade em risco. O combate à pandemia demonstrou que os Estados devem sim, estar presentes através da execução de políticas públicas de saúde como a garantia do isolamento social, *lockdowns* quando houver necessidade, e vacinação em massa. Além, do investimento pesado em leitos de terapia intensiva e demais estruturas de saúde. Nos casos em que as pessoas estão desempregadas ou impossibilitadas de exercer o trabalho autônomo, cabe ao Estado garantir a sobrevivência destas famílias com um auxílio emergencial que garanta as necessidades básicas, diferente do valor de 600 reais disponibilizado pelo governo federal durante a fase mais aguda da pandemia. Também no início da pandemia, empresários apoiadores de Jair Bolsonaro proferiram muitas frases negacionistas, em reportagem do dia 24 de março de 2020 a Carta Capital organizou uma sequência de declarações que minimizavam a pandemia e expressavam a necessidade de manter a economia funcionando.

Enquanto o mundo olha para a pandemia de coronavírus e realiza esforços para diminuir seu alastramento, empresários bolsonaristas não parecem estar contentes com as tentativas de salvar vidas. Para Luciano Hang, já conhecido dono das lojas Havan, Junior Durski, dono da rede de restaurantes Madero, e Roberto Justus, empresário conhecido pelo programa “O Aprendiz”, a economia se sobrepõe à luta contra a Covid-19 – e eles não tem medo de fazerem essas afirmações (CARTA CAPITAL, 2020, s/p).

A matéria jornalística concentra os posicionamentos dos principais empresários que apoiam o presidente, que assim como ele, convergem em relação ao colocar o dinheiro acima das vidas. O texto começa expondo a declaração mais enfática dada por Durski, ao falar que o país não pode parar porque pessoas vão morrer:

A mais enfática e literal, até o momento, saiu de um vídeo gravado por Durski e publicado, orgulhosamente, em suas redes sociais. Aos seus seguidores, ele diz, indignado: “Não podemos [parar] por conta de 5 mil pessoas ou 7 mil pessoas que vão morrer. [...] Tava melhorando muito, o Brasil tem que continuar trabalhando. Não pode simplesmente os infectologistas [sic] decidir que tem que todo mundo parar.”, diz o empresário (IDEM, 2020, s/p).

O empresário desqualifica as recomendações dos infectologistas em relação à necessidade de as atividades econômicas pararem. Minimiza a morte das pessoas que ultrapassaram em muito a estimativa de 5 ou 7 mil pessoas. O que parece estar implícito na declaração de Durski é que ao não se colocar na pele das pessoas que morreriam ou de seus familiares, se distância ao não ter empatia, pois não se vê no grupo de pessoas que necessitam sair diariamente de casa para trabalhar. A premissa é a mesma para os outros empresários selecionados na matéria. Roberto Justus também diminuiu os efeitos letais da pandemia, ao dizer que pessoas da favela não ficariam doentes:

Depois, o empresário faz uma análise dos pobres nas favelas, uma “molecada” que nem doente fica – mas que, consoante a OMS, pode passar o vírus aos mais velhos mesmo estando assintomática, detalhe que Justus parece ignorar.

“Não tem nenhuma pessoa que morreu que não tivesse outras doenças. Na pessoa saudável, zero, e na favela não tem só gente doente não. Não vai acontecer porra nenhuma se o vírus entrar na favela, pelo contrário. Essa molecada que tá na favela [...] nem pegam a doença.”, diz o empresário (IBIDEM, 2020, s/p).

Justus, ao usar expressões coloquiais e de forma descuidada para se referir aos moradores das comunidades, em que ao falar “molecada” parece desprezar as crianças e jovens destas regiões, além de dizer que não pegam doenças, evidencia o seu desprezo e falta de preocupação com estas pessoas. Como se na favela não existissem crianças com necessidades especiais ou comorbidades. O jornalista que escreveu a matéria bem lembra que mesmo os jovens assintomáticos podem transmitir Covid-19 para os idosos. A narrativa de Roberto Justus expõe como o milionário se desprende da quase totalidade da nação que não pode se dar ao luxo de ficar em casa, ao não se enxergar enquanto pertencente a coletividade minimiza os riscos e os medos da população que necessitam enfrentar a Covid-19. A insensibilidade também predomina no discurso do empresário Luciano Hang, proprietário da Havan, em reportagem publicada pelo site Brasil247 em 22 de março de 2020, ele parece não se importar se precisar demitir seus 22 mil funcionários:

O empresário Luciano Hang, dono da Havan e um dos símbolos do bolsonarismo, postou um vídeo no Youtube em que falou em "histeria" no caso do coronavírus e

ameaçou demitir todos os seus 22 mil funcionários. Ele também disse que mesmo fechando terá dinheiro para ir para a praia (BRASIL247, 2020, s/p).

O descaso com a vida das pessoas está escondido através de uma suposta preocupação com os desempregados, porém, não se confirma, pois, Hang na sequência fala que lhe sobraria dinheiro para ele ir para a praia sem se questionar sobre o destino destes 22 mil funcionários desempregados. Assim como Justus, Luciano Hang estabelece um “apartheid” quando se refere aos sujeitos que não dispõem dos mesmos recursos financeiros que eles. É como se fosse uma parcela da população desumanizada, que não merece os privilégios que eles possuem, e o pior, não se compadecem com a situação humanitária, apenas se preocupam em manter ocupada economicamente esta população para a manutenção de seus lucros e capitais. Além disso, não se sentem na responsabilidade de fazer alguma ação afirmativa pela coletividade, que representaria o pertencimento destes milionários também como integrantes da sociedade e responsáveis por ela. Quando pensamos as responsabilidades sociais dos detentores do capital e do Estado notamos que na gestão neoliberal, ambas se retiram do cenário. Os grandes empresários citados sustentam a frágil argumentação do retorno ao trabalho, mas não se responsabilizam pela saúde dos seus funcionários, enquanto o Estado através da fala do Jair Bolsonaro também não se responsabiliza. O peso dos males da pandemia recai apenas sobre os trabalhadores, desempregados e seus familiares, desassistidos pelas empresas e pela saúde pública. Torna-se evidente a ideia do sujeito descartável do sistema neoliberal.

Passado mais de um ano das reportagens abordadas anteriormente nesta seção, em 5 abril de 2021 em matéria publicada no site da CNN o presidente Jair Bolsonaro ainda defende o fim do isolamento social para promover a retomada ao trabalho.

“É o discurso que eu bato na mesma tecla desde março do ano passado, temos dois problemas pela frente gravíssimos ainda: o vírus e o desemprego. E também sempre batí na tecla: as medidas para combater o vírus, os seus efeitos colaterais não podem ser mais danosos que o próprio vírus. O Brasil precisa voltar a trabalhar”, disse o presidente (CNN, 2021, s/p).

Diz que os efeitos colaterais do combate da doença não podem ser mais danosos que o próprio vírus, esta frase mostra que existe uma hierarquia de prioridades do presidente em que coloca o combate ao vírus em segundo plano em relação à economia. O argumento é que a pobreza e o desemprego são piores que o vírus, mas não coloca o aparato estatal para combater às duas mazelas. As vidas serão sempre mais importantes que os empregos, até porque o emprego pode ser retomado

com incentivos do governo, as vidas não retornam. Na afirmação “O Brasil precisa voltar a trabalhar” resume os anseios dos empresários que esperam que a pandemia não estrague seus negócios. A convergência de discursos entre Bolsonaro e os grandes empresários que o seguem naturalizam a morte e a doença entre aqueles sendo descartáveis, isto é, substituíveis como força de trabalho pelo capital, como uma simples peça na engrenagem de acumulação.

### **A produção dos sujeitos descartáveis no neoliberalismo**

Nesta seção tenho como objetivo aprofundar a discussão teórica a respeito dos processos de exclusão social observados durante a condução da pandemia de Covid-19 no Brasil. O neoliberalismo produz sujeitos descartáveis e procura formas de exclusão destes excedentes populacionais indesejados. Zygmunt Bauman chama tais sujeitos de “refugo humano”:

A produção de “refugo humano”, ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (os “excessivos” e “redundantes”, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade. É um inescapável efeito colateral da *construção da ordem* (cada ordem define algumas parcelas da população como “deslocadas”, “inaptas” ou “indesejáveis”) e do *progresso econômico* (que não pode ocorrer sem degradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de “ganhar a vida” e que, portanto, não consegue senão privar seus praticantes dos meios de subsistência) (2005, p. 12).

A noção de “refugo humano” antecipa o que pretendo discutir mais profundamente através de Bertrand Olgivie. Bauman coloca que este homem excluído é produto da modernidade, formada pelo resultado do progresso econômico que tende a gerar sobras, descartes e lixo.

Ser declarado redundante significa ter sido dispensado pelo fato de ser dispensável – tal como a garrafa de plástico vazia e não-retornável, ou a seringa usada, uma mercadoria desprovida de atração e de compradores, ou um produto abaixo do padrão, ou manchado, sem utilidade, retirado da linha de montagem pelos inspetores de qualidade. “Redundância” compartilha o espaço semântico de “rejeitos”, “dejetos”, “restos”, “lixo” – com refugo. O destino dos desempregados, do “exército de reserva da mão-de-obra”, era serem chamados de volta ao serviço ativo. O destino do refugo é o depósito de dejetos, o monte de lixo (2005, p. 20).

Em consonância com a primeira parte deste artigo, entendo o descaso da necropolítica neoliberal em relação aos pobres na pandemia, bem como a postura de diversos representantes do governo que reproduzem um discurso que reforça a ideia da exposição do “refugo humano”. Recorro a Bertrand Olgivie na obra *El hombre desechable* (2013) e ao pensamento de Etienne Balibar (2015) a respeito da violência na política e na sociedade. Expor as pessoas mais pobres ao Covid-19 e desampará-las em relação à cobertura de saúde do Estado configura-se como uma nova forma de violência estatal contra os socialmente vulneráveis. Uma violência que surgiu na pandemia e que ceifou a vida de mais de 619 mil brasileiros, conforme levantamento realizado até o dia 04 de janeiro de 2022, de acordo com o levantamento do “Repositório de dados Covid-19 pelo Centro de Ciência e Engenharia de Sistemas (CSSE) da Universidade Johns Hopkins”<sup>6</sup>.

Bertrand Olgivie pensa a violência em diversas dimensões:

Violencia que es una suerte de reacción inmunitaria respecto de la precedente, y que es aquella que hoy en día se llama “la violencia”, violencia urbana, violencia dos suburbios, violencia étnica, etc. Pero todos estos calificativos que intentan localizarla y, por lo tanto, limitarla a “situaciones sociológicas” no deben hacer olvidar que ella es, ante todo, rechazo inmediato, implícito, inconsciente, de los efectos directos o indirectos de la violencia del orden mundial. Así, no sin razón, se puede hablar en general de “la violencia” en la actualidad, a causa de su globalidad, del carácter estructural, mundial, del fenómeno, pero también erróneamente, si uno se deja llevar por encontrarle un origen mitológico, de un retorno a la bestialidad o a la barbárie del mal origen, mientras que es, en esencia, un resultado, extremadamente sofisticado, de una historia social y política, un punto de desenlace provisional y, por lo tanto, una novedad (2013, p. 76).

Etienne Balibar contribui com esta reflexão:

Y yo diría que la extrema violencia de la mundialización, o más exactamente, la extrema violencia engendrada por la fase actual de la mundialización, se debe esencialmente a dos desarrollos desde ahora muy visibles, y sin duda interdependientes: la extensión de la denominada destrucción “creadora” al ambiente planetario, y por ende a las condiciones materiales (tanto naturales como culturales) de la vida humana, y la realización de lo que Marx había llamado la “subsunción real” del trabajo al capital bajo la forma de una incorporación del consumo, de la salud, de la educación, de la vida afectiva, y generalmente de las funciones de “formación” y de “individuación” del ser humano, al circuito de acumulación del capital financiero, a lo que los economistas neoliberales llaman la emergencia del “capital humano” (BALIBAR, 2015, p.52).

---

<sup>6</sup> **Repositório de Dados da Covid-19 pelo Centro de Ciência e Engenharia de Sistemas (CSSE) da Universidade John Hopkins.** Disponível em <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19> Acesso em 04 de janeiro de 2022.

É possível estabelecer uma relação entre os desdobramentos da violência neoliberal, que além de econômica é cultural e social, e os pontos elencados por Bertrand Olgivie ao enumerar as categorias de violências que surgem no contexto urbano, étnico e nos subúrbios. É importante quando o autor cita os efeitos diretos e indiretos da violência da ordem mundial, pois esta violência é potencializada pelo desmonte do Estado de bem-estar social. A nova ordem mundial apontada por Olgivie é o resultado dos processos de crescimento de políticas neoliberais em níveis globais. A nova ordem mundial é uma nova ordem financeira que se baliza pelo crescimento do capital privado e da submissão do Estado aos interesses das elites que controlam as estruturas de poderes dominantes.

Uma gestão mundial excludente, em que o Estado é cúmplice dos desmandos dos poderes econômicos, provocam efeitos diretos e indiretos sobre os países tanto centrais quanto periféricos do capitalismo mundial. Esta passagem reforça os impactos da retirada do Estado de bem-estar social e do avanço da violência causada pela nova razão de mundo, adotando a terminologia de Dardot e Laval (2016), com a consequente construção de um sujeito descartável do neoliberalismo, fruto da violência da qual Bertrand Olgivie se refere. A citação de Balibar corrobora com esta visão, ao tratar de termos como emergência do “capital humano” e a extensão da chamada “destruição criadora”, fruto dos pensamentos de outros autores que contribuem com o pensamento neoliberal, como Gary Backer e Joseph Schumpeter e permitem desconstruir o sujeito autônomo, que ao perder sua individualidade passa a fazer parte de uma lógica da reprodução do capital. Vemos nestas duas citações a transmutação do sujeito amparado pelo Estado, ou seja, a passagem do sujeito do Estado de bem-estar social, para o sujeito descartável do neoliberalismo. Porém, dentro de um modelo competitivo o que o Estado deve fazer com aqueles que não foram transmutados para a categoria de capital humano? Estes homens que não se convertem em capital humano são tratados pelo Estado neoliberal como expurgo, resultando em violência contra estes sujeitos, que com o desamparo do Estado passam a viver nos subúrbios das grandes cidades ou em situação de rua, sendo as maiores vítimas da pandemia de Covid-19. A eclosão da violência étnica também é existente, pois, emergem governos conservadores e reacionários com o neoliberalismo, fomentando uma visão preconceituosa do outro. Existe uma ideia de que aquele que não for útil é descartável, e a violência passa a assumir diversas formas, as quais Olgivie adota a nomenclatura de violência sem direção. Segundo Bertrand Olgivie: “Es esta hipótesis lo que me gustaría desarrollar aquí, tratando de hacer emerger la idea de lo que llamaré una violencia sin dirección” (2013, p. 60).

Na sequência de sua reflexão, Olgvie utiliza alguns fundamentos de Hegel para discutir a ideia de razão, relacionando-a com a lógica de mercado como uma perpetuação do enriquecimento contínuo das elites:

El razonamiento de Hegel es claro aquí no ha perdido su pertinencia: la lógica del mercado desemboca no en un enriquecimiento de todos, sino en el doble movimiento contradictorio de un enriquecimiento fantástico de una pequeña cantidad que tiene por correlato la extrema pobreza y la exclusión endémica de una parte fluctuante de la población, mecanismo que lleva a las sociedades, observa Hegel de pasada, a exportar hacia las colonias a esas porciones de población con los problemas que las acompañan, de manera de crear un nuevo mercado, nuevos compradores; hasta que, evidentemente, como la Tierra es redonda, esa fuga hacia delante resulte bloqueada y los colonos vuelvan a su casa con una parte de los excolonizados (IDEM, p. 70).

A passagem retirada do pensamento de Bertrand Olgvie pretende demonstrar a centralidade das forças de mercado como difusor de desigualdades sociais e proliferação da pobreza e da exclusão social. Apesar de o autor citar Hegel contextualizando o pensamento do filósofo alemão para pensar o período colonial, ainda hoje existe uma forma de dominação que é típica do capital, que perpetua a concentração de riqueza nas mãos de poucos, enquanto produz uma massa de sujeitos descartáveis. Estas disparidades são potencializadas através do neoliberalismo, mostrando uma face violenta da exclusão econômica que se desdobra sem um Estado presente para tentar frear este processo por políticas de amparo.

Para conclusão do pensamento, Olgvie expõe as causas estruturais que levam a proliferação da pobreza nas sociedades capitalistas:

La conclusión se impone por sí misma: el problema de la producción del “populacho” no es solamente el de la pobreza, sino de lo que revela de las causas estructurales de la pobreza. La lógica de la “sociedad civil” produce inevitablemente una clase creciente de individuos que no solo están amenazados de pobreza o de injusticia, sino que, simplemente están “de más”. Ese es el colmo de lo irrepresentable, perfectamente recíproco: la sociedad no es ya representable para esa clase que no puede ver más en ella la fuente de su existencia; esta clase ya no es representable para la sociedad, que literalmente no sabe más qué hacer con ella (IBIDEM, p. 73).

O autor fala a respeito da produção do “populacho”, e alerta que ele não é efeito apenas da pobreza. Ou seja, a pobreza é somente o resultado de um processo de exclusão social e econômica que leva à formação de guetos e aumenta a parcela de desempregados nas sociedades industriais. Com a ampliação das desigualdades sociais uma massa de excluídos passa a ser produzida pela sociedade civil.

Com essa população descartável crescente, os grupos privilegiados se fecham em suas bolhas e passam a defender modelos de governo conservadores e autoritários, formando um Estado máximo na punição destes indesejáveis. Se nos tempos de Hegel as populações indesejadas das metrópoles eram enviadas para as colônias com objetivos econômicos e demográficos, nas sociedades neoliberais a massa de descartáveis muitas vezes é deixada a seu bel-prazer, sem emprego e sem amparo, levando ao aumento do crime organizado e da violência. O resultado deste modelo de gerenciamento estatal é o desamparo social, evidenciado na violência com que países de viés autoritário como o Brasil trata os mais pobres durante a pandemia de Covid-19 com o desmonte da saúde pública<sup>7</sup>.

### **Neoliberalismo e darwinismo social**

Neoliberalismo e darwinismo social são elementos de um mesmo fenômeno, no sentido em que predomina no neoliberalismo a ideia de que existe uma competição entre as pessoas no mercado, e as mais preparadas são as que atingem maior sucesso. Sucesso que no neoliberalismo se traduz em lucros para as empresas proporcionadas por sujeitos convertidos em capital-humano, ou na ideia do empreendedor de si. A sobrevivência do mais apto ou do melhor qualificado está inserida nos aspectos subjetivos da racionalidade neoliberal. Logo, os que não atingem este sucesso são os descartáveis apresentados na seção anterior. Cabe neste tópico ir um pouco além do sujeito descartável e tentar identificar como surge este conceito no neoliberalismo. O descartável é o resultado de um processo de exclusão provocada pela dinâmica neoliberal ligada aos preceitos do darwinismo social?

A noção de discurso econômico esconde intenções mais profundas que fomentam a exclusão dos grupos dominados, pois, elas não são só econômicas, mas também de origem cultural, étnica, social, religiosa, de gênero, dentre outras. Os descartáveis que Bertrand Olgivie procura conceituar e se encontram invisíveis na sociedade são as vítimas de uma “seleção natural” do neoliberalismo. A ideia da competição como elemento de exclusão dos menos capacitados pode ser correlacionada com as raízes do darwinismo social, como ocorreu em regimes totalitários a exemplo da Alemanha nazista, em que se propunha um processo de eugenia para prevalecer uma “raça pura ariana”. A lógica da seleção natural pelo mercado parece esconder a ideia de uma “eugenia econômica”, pela qual os mais

---

<sup>7</sup> A entrevista com o professor Pedro Gabriel Godinho Delgado da UFRJ trata do desmonte da saúde pública no Brasil e o impacto da Covid-19 no sistema. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/607098-pandemia-e-desmonte-de-politicas-de-saude-colocam-brasil-diante-da-escolha-devastacao-ou-solidariedade-economica-e-social-entrevista-especial-com-pedro-delgado>>. Acesso em 27 de dezembro de 2021.

capacitados sobrevivem no ambiente de competição entre os sujeitos, levando ao que erroneamente se coloca como preservação das realizações existentes, mas que se trata apenas da perpetuação das hegemonias. O mecanismo de exclusão é o mesmo, pois, aqueles que não se mostrarem capazes devem ser destinados à sua sorte, e não é papel do Estado ser cúmplice da manutenção da vida dos descartáveis. O darwinismo social esconde por trás de suas premissas o pensamento fascista que separa o “nós” adaptado ao meio social e o “eles” os descartáveis que se encontram a margem da sociedade.

Para pensar o que é o darwinismo social apresento os posicionamentos de Raymond Williams, Pierre Dardot e Christian Laval. Williams assim define o darwinista social:

“Darwinista social” é o termo convencional para uma variante da teoria social que surgiu na década de 1870, sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos, e que infelizmente não está extinta; de fato, sob outros nomes, ela tem sido amplamente revivida (2011, p. 115).

A citação de Williams toca em dois pontos importantes, o primeiro abordando o início do darwinismo social no século XIX, e o segundo ponto lembrando que estas ideias ainda não estão extintas. A adaptação pode ocorrer ao longo do processo de evolução biológica para que as espécies se perpetuem em seu habitat, a competição é predadora, eliminando os menos capacitados. Vale lembrar que Darwin falava em adaptação e não em competição, pois a adaptação pode ser oriunda de um processo de cooperação de uma mesma espécie para se adaptar ao ambiente. De acordo com Manoel Soler:

Os primatas podem ser considerados mamíferos não especializados: não possuem asas, ainda têm quatro extremidades, não podem correr muito depressa, têm geralmente dentes frágeis, carecem de armações ou couro grosso que os proteja. No entanto, a combinação das adaptações dos primatas que incluem grandes cérebros, o uso de ferramentas, vida social, visão estereoscópica e a cores, braços e mãos altamente desenvolvidos, dentes versáteis e postura erecta convertem o facto de serem generalistas e sociais, terá favorecido o desenvolvimento de uma inteligência superior à que apresenta o resto dos mamíferos (2020, p.25-26).

Feita esta consideração, Dardot e Laval tratam da problemática da competição se sobrepondo a da reprodução, e que esta readequação da teoria biológica para a social teria sido erroneamente chamada darwinismo social: “A problemática da competição levava a melhor sobre a da reprodução, dando origem, assim, ao que foi chamado de maneira muito imprópria de ‘darwinismo social’” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 52).

A posição de Raymond Williams corrobora com a reflexão de Dardot e Laval sobre a anterioridade das ideias do darwinismo social antes da Teoria da Evolução de Darwin: “De fato, minha própria posição é a de que as teorias biológicas da evolução e da seleção natural tiveram um componente social antes que houvesse qualquer sugestão de sua reaplicação na teoria social e política” (WILLIAMS, 2011, p. 116). Williams continua sua reflexão ao apontar que: “Em certo sentido, podemos oferecer uma análise bastante adequada do darwinismo social nos termos dos erros de ênfase efetuados com a extensão da teoria da seleção natural para a teoria social e política” (IDEM, p. 115).

Segundo Raymond Williams: “Foi Spencer, como filósofo social, quem primeiro, em 1864, cunhou a expressão que viria a ter uma história tão importante no debate, ‘a sobrevivência dos mais aptos’” (IBIDEM, 2011, p. 117). Dardot e Laval complementam a citação ao demonstrar que Spencer buscou mudar o centro de gravidade do pensamento liberal da divisão do trabalho para a concorrência como necessidade vital:

Spencer vai deslocar, assim, o centro de gravidade do pensamento liberal, passando do modelo da divisão do trabalho para o da concorrência como necessidade vital. Esse naturalismo extremo, além de satisfazer interesses ideológicos e explicar lutas comerciais ferozes entre empresas e entre economias nacionais, faz a concepção do motor do progresso passar da especialização para a seleção, que não têm as mesmas consequências, como bem podemos imaginar (2016, p. 53).

É perceptível no trecho selecionado a diferença da economia liberal clássica para o darwinismo social, em que a adaptação é deixada de lado para dar lugar para a seleção. A visão de Spencer é adotada pelas ideias fascistas, pois como coloca Jason Stanley: “os movimentos fascistas compartilham com o darwinismo social a ideia de que a vida é uma competição pelo poder, segundo a qual a divisão dos recursos da sociedade deve ser deixada para a pura concorrência do livre mercado” (2020, p. 170-171). Desta forma, concorrência e livre mercado estão amparados em ideias presentes no darwinismo social de Spencer, distanciando da ideia de divisão do trabalho muito cara ao pensamento de Adam Smith. Com isto, o pensamento neoliberal não está amparado nas ideias de livre mercado clássica; a mão invisível que guia o pensamento neoliberal é outra. Dardot e Laval reforçam a ideia da relação entre o spencerismo e o neoliberalismo, apesar da negação de muitos neoliberais a respeito do darwinismo social: “O evolucionismo biológico de Spencer, embora pareça muito datado a certos neoliberais, a ponto de frequentemente ‘se esquecerem’ de mencioná-lo entre suas fontes de referência, exceto para rejeitá-lo, deixou uma marca profunda no curso posterior da doutrina liberal. Podemos até mesmo dizer que o spencerismo representa uma verdadeira virada” (2016, p. 50).

É a mão invisível do darwinismo social operando por políticas fascistas a ideia do livre mercado para a perpetuação das elites econômicas e políticas, enquanto espreme os descartáveis. Spencer faz uma ligação entre o princípio da seleção natural e a história humana para amparar seu pensamento contrário a intervenção do Estado na economia.

Sem detalhar as razões desses cruzamentos e dos mal-entendidos mútuos que os caracterizam, notaremos que, para Spencer, a teoria darwiniana parecia corroborar a teoria do *laissez-faire* da qual ele se fez arauto, como indica o paralelo entre a evolução econômica e a evolução das espécies em geral que ele estabelece em seus *Princípios de biologia* (IDEM, p. 52).

Indo de encontro com a ideia do princípio natural aplicado na economia, a noção de não-intervenção não interromperia um processo natural de enriquecimento dos melhores selecionados, enquanto coloca a própria sorte uma população crescente de pessoas excluídas da economia e sem amparo nenhum para sua sobrevivência. Não existe compaixão ou espírito de solidariedade neste contexto, cabendo a simples eliminação dos menos capacitados. John Kenneth Galbraith bem coloca que as ideias do darwinismo social aplicadas à teoria econômica são uma ferramenta de proteção e explicação do porquê existem poucos ricos e muitos pobres. De acordo com John Kenneth Galbraith, em a *Era da Incerteza*, no interessante tópico sobre a “seleção natural dos ricos”, o autor expõe que:

[...] as ideias também protegiam a riqueza. Ninguém, especialmente nenhum governo, nela podia tocar ou nos métodos pelos quais foi adquirida ou estava sendo aumentada. Fazê-lo seria o mesmo que interferir no processo, desesperadamente fundamental, através do qual a raça humana estava sendo aperfeiçoada (1984, p. 37).

Os ricos eram vistos por Spencer e pelos demais darwinistas sociais como um resultado de um processo natural da seleção dos mais aptos, e a eliminação dos pobres seria uma forma de purificar a humanidade. Raymond Williams expõe a teoria spenceriana que defende a não intervenção estatal para a preservação da vida dos pobres:

Os membros da sociedade mais fracos ou menos habilidosos não deveriam ser preservados, pois, o processo de seleção social que criava os tipos mais vigorosos e autoconfiantes era algo que não deveria sofrer interferência: sua realização final seria a felicidade humana de um tipo geral. Assim, Spencer era particularmente contra o que chamou preservação artificial dos menos capazes de cuidarem de si mesmos: uma teoria spenceriana que suponho ainda sobreviver em nossa década no conceito do “pato manco” e, indo além da metáfora curiosa da empresa fracassando, nas versões mais virulentas da economia de mercado e sua ordem social subsequente que estão sendo novamente colocadas em prática (2011, p. 117).

Williams alerta que a teoria spenceriana da preservação da riqueza através de um discurso de liberdade econômica ainda está presente atualmente, pois as sobrevivências no mercado dos sujeitos e das empresas mais aptas é uma realidade na narrativa neoliberal. Na continuidade do texto de Raymond Williams, outro fator importante surge e nos serve para mais uma vez aproximar a teoria econômica da evolução biológica, pois, o autor coloca que Spencer estaria inspirado em Lamarck antes de Darwin, lembrando que o lamarckismo diz que as características evolutivas adquiridas são transmitidas através das gerações. De acordo com Raymond Williams:

Spencer continuou a acreditar em Lamarck muito depois de Darwin, e o conceito de herança física deu aos ideólogos do darwinismo social, nesse sentido, uma oportunidade particularmente afortunada para alterar uma modalidade de competição absolutamente aberta quando o assunto fosse a preservação da propriedade familiar (IDEM, p. 121-122).

É conveniente a associação dos neoliberais com a teoria de Lamarck neste ponto específico da perpetuação de heranças, pois como coloca Raymond Williams:

Assim, a propriedade familiar herdada, que significa que alguém que talvez não tenha fortes talentos individuais a serem desenvolvidos em um tipo mais elevado de homem iniciaria com uma vantagem, é um tipo de interferência na competição. Mas, se tivermos uma noção lamarckiana da herança física, então podemos racionalizar a família e a propriedade familiar como precisamente a continuação do que podemos ver como a melhor e mais forte espécie (IBIDEM, p. 122).

Adotando a perspectiva lamarckiana, Spencer transfere a teoria biológica para as relações sociais e econômicas, a ideia de que a família representa uma seleção natural através da riqueza adquirida e transmitida por gerações. O darwinismo social então está nutrido por um lado da ideia da competição entre os sujeitos no mercado, que produz ricos e miseráveis, e, por outro lado, aproxima-se da teoria lamarckiana para justificar a transferência de riqueza entre as gerações como uma forma de manutenção dos mais aptos.

### **Conclusão**

Este artigo foi dividido em três momentos. Três ideias principais guiaram os aprofundamentos das reflexões. A primeira ideia tratou a respeito da necropolítica do governo brasileiro e seus posicionamentos perante a população mais vulnerável durante a pandemia de Covid-19, a segunda ideia a construção teórica do sujeito descartável do neoliberalismo, e por fim, a terceira tratou da aproximação do neoliberalismo com o darwinismo social. Procurei demonstrar com isto três facetas

do mesmo fenômeno, ou seja, como a necropolítica neoliberal vitimiza os sujeitos descartáveis, que, são vistos como descartáveis devido a um processo subjetivo produzido por uma ligação do darwinismo social com o neoliberalismo.

Por trás do discurso que defende a economia e a necessidade de as pessoas trabalharem para que não se aumentem o desemprego e a pobreza, esconde-se o projeto neoliberal que expõe os descartáveis, em virtude do desamparo social, ao risco de morte. A intenção de primeiramente explorar os eventos que marcaram a desastrosa condução da pandemia por parte do governo Jair Bolsonaro foi primordial para demonstrar como na prática se operam as políticas de morte legitimadas pelo neoliberalismo em nome da vitalidade econômica. Porém, no calor do momento da pandemia, talvez não seja tão evidente perceber como os mecanismos de exclusão neoliberal naturalizam a morte dos mais pobres, por isto, este artigo nas duas seções que seguiram teve por objetivo dois aprofundamentos teóricos. Demonstrar quem são os sujeitos descartáveis, e porque são descartáveis é necessário para entender a pandemia e seus desdobramentos ao vitimar na sua maioria os pobres, idosos, negros e pardos.

Indo além do sujeito descartável do neoliberalismo, um terceiro aprofundamento buscou evidenciar as raízes dessa lógica de exclusão e de construção do descartável, o amparo em ideologias do darwinismo social. A ponta do *iceberg* são os posicionamentos públicos e as políticas públicas ineficientes de combate ao Covid-19 em articulação com intensa campanha de desinformação, escondendo o interesse dos lucros capitalistas acima da vida dos descartáveis. Os descartáveis assim são classificados devido à incapacidade de converterem-se em capital humano e gerarem lucro para os empresários. Por isto o descaso na exposição destas pessoas ao vírus e conseqüentemente na sua morte. E por fim, o que é mais nebuloso, associado ao darwinismo social, os descartáveis são pensados como os “não aptos”, destinados a eliminação devido a sua incapacidade de gerar riqueza.

## Referências

BALIBAR, Etienne. *Violencia, Política, Civilidad*. Universidad Nacional de Colômbia: **Revista de Ciência Política**, vol. 10, nº19, 2015. Disponível em: <<https://revistas.unal.edu.co/index.php/cienciapol/article/view/52371>>. Acesso em 21 dezembro 2021.

\_\_\_\_\_. Prefácio – Carta a Bertrand Ogilvie. In: OGILVIE, Bertrand. **El hombre desechable: Ensayo sobre las formas del exterminismo y la violencia extrema**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2013, p. 7-24.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

**BBC**. 2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega. 27 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536> Acesso em 09 de janeiro de 2022.

BRAGA, Danielle. Toda a forma de poder é uma forma de morrer por nada? As relações de poder de Foucault na pandemia de Covid-19. **Revista Pandora Brasil – Filosofia contemporânea**, nº 112, mai. 2021.

BRASIL 247. **Luciano Hang ameaça demitir 22 mil trabalhadores**. 22 de março de 2020. Disponível em: <https://www.brasil247.com/economia/luciano-hang-ameaca-demitir-22-mil-trabalhadores> Acesso em 09 de janeiro de 2022.

CASARA, Rubens. **Estado Pós-Democrático: neo-obscurantismo e gestão dos Indesejáveis**. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

\_\_\_\_\_. **Contra a miséria neoliberal: racionalidade, normatividade e imaginário**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

CARTA CAPITAL. **Não podemos parar por 7 mil que vão morrer e molecada da favela nem pega: os bolsonaristas sobre o coronavírus**. 23 de março de 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/nao-podemos-parar-por-7-mil-que-vaio-morrer-e-molecada-na-favela-nem-pega-os-bolsonaristas-sobre-o-coronavirus/> Acesso em 09 de janeiro de 2022.

CNN BRASIL. **Bolsonaro volta a defender o tratamento precoce e retorno ao trabalho**. 05 de abril de 2021. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-volta-a-defender-tratamento-precoce-e-retorno-ao-trabalho/> Acesso em 09 de janeiro de 2022.

CUETO, Marcos. Covid-19 e as epidemias da globalização. **Blog da Revista História, Ciência, Saúde** – Manguinhos, 2020. Disponível em </<http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/o-covid-19-e-as-epidemias-da-globalizacao>>. Acesso em 23 out. 2021.

DARDOY, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELGADO, Pedro Gabriel Godinho. **Entrevista para Instituto Humanitas Unisinos**. Porto Alegre: Unisinos, 2021. Disponível em </<https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/607098-pandemia-e-desmonte-de-politicas-de-saude-colocam-brasil-diante-da-escolha-devastacao-ou-solidariedade-economica-e-social-entrevista-especial-com-pedro-delgado>>. Acesso em 27 de dezembro de 2021.

DRUCK, Graça. A tragédia neoliberal, a pandemia e o lugar do trabalho. **Revista O Social em Questão**, ano XXIV, nº 49, janeiro-abril/2021. Disponível em: </[http://www.ser.puc-rio.br/3\\_DRUCK.PDF](http://www.ser.puc-rio.br/3_DRUCK.PDF)>. Acesso em 26 de dezembro de 2021.

FONSECA, André Dione; Silva, Silvio Lucas Alves da. O neoliberalismo em tempos de pandemia: o governo Bolsonaro no contexto da Covid-19. **Revista de História e Geografia Agora** (St. Cruz Sul online), v.22, nº2, p. 58-75, julho – dezembro 2020.

GALBRAITH, John Kenneth. **A era da incerteza**. Trad. Nickelsen Pellegrine. São Paulo: Pioneira, 1984.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; Viana, Hamanda. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre', G1Globo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghhtml>>. Acesso em 28 de dezembro de 2021.

GUERRA, Rayanderson. Enquanto Bolsonaro defendia tratamentos ineficazes contra a Covid-19, iniciativas se espalhavam pelo país; veja a cronologia. O Globo. 24 de setembro de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/enquanto-bolsonaro-defendia-tratamentos-ineficazes-contracovid-19-iniciativas-se-espalhavam-pelo-pais-veja-cronologia-1-25210958> Acesso em 09 de janeiro de 2022.

HARVEY, David. **Neoliberalismo: História e Implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HIRSCHMAN, Albert. **A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ISTO É. **CPI levanta 200 falas negacionistas de Bolsonaro sobre a pandemia de Covid-19**. 01 de maio de 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/cpi-levanta-200-falas-negacionistas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-de-covid-19/> Acesso em 5 de janeiro de 2022.

JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveira Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>>. Acesso em 27 de dezembro de 2021.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. **Repositório de Dados da Covid-19 pelo Centro de Ciência e Engenharia de Sistemas (CSSE) da Universidade Johns Hopkins**. Disponível em <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19> Acesso em 04 de janeiro de 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2021.

OLGIVIE, Bertrand. **El ombre desechable: ensayo sobre el exterminismo y la violencia extrema**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2013.

PEROZA, Juliano. O pensamento utópico freiriano: inspirações biófilas para enfrentar a necrofilia do neoliberalismo obscurantista em tempos de pandemia. In: CAVANA, Federico José Alvez; CORRÊA, João Guilherme de Souza (Orgs.). **Educação e vida universitária sob a pandemia de Covid-19**. Curitiba: CRV Editora, 2021.

SOLER, Manoel. **A evolução de Darwin: 100 perguntas, 100 respostas**. Trad. Marta Lopes. Sevilha: Plano de Divulgação de Conhecimento de Andaluzia, 2020. Disponível em: [http://www.esalq.usp.br/lepse/imgs/conteudo\\_thumb/A-Evolu--o-de-Darwin.pdf](http://www.esalq.usp.br/lepse/imgs/conteudo_thumb/A-Evolu--o-de-Darwin.pdf) Acesso em 04 de janeiro de 2022.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Trad. Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2020.

VASCONCELOS, Caê. 'População mais pobre infectada pelo coronavírus protege os ricos', aponta biólogo. Ponte.Org. 10 de julho de 2020. Disponível em <https://ponte.org/populacao-mais-pobre-infectada-pelo-coronavirus-protege-os-ricos-aponta-biologo/> Acesso em 04 de janeiro de 2022.

VALOR INVEST. **Bolsonaro diz que é preciso “botar esse povo para trabalhar”**. 25 de março de 2020. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/03/25/bolsonaro-diz-que-e-preciso-botar-esse-povo-para-trabalhar.ghtml> Acesso em 09 de janeiro de 2022.

WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de; CARVALHO, Leonardo Dallaqua de. Eugenia, biopoder e políticas da morte em tempos de pandemia. *Blog da Boitempo*, 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/08/10/eugenia-biopoder-e-politicas-da-morte-em-tempos-depandemia/> Acesso em 17 out. 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Darwinismo Social. In: Cultura e Materialismo**. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.